

## Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 20 de outubro de 2010

*Textos de referência: “Viver é a memória de Mim”, Assembleia Internacional de Responsáveis de Comunhão e Libertação (La Thuile 2010), suplemento de Passos n. 120 (Out/2010); “... Um dia se perguntou quem era...”, Dia de Início de Ano dos adultos e dos universitários de CL (Rho 2010).*

- Canto “Zaqueu”
- Canto “Al mattino”

**Carrón:** A última pergunta e resposta da Escola de Comunidade passada provocou muitas discussões e por isso quero voltar à questão a partir das cartas que vocês enviaram.

“Caríssimo Julián, fiquei muito provocado com a última colocação da Escola de Comunidade passada e com a sua resposta, que, porém, não me satisfaz totalmente e pergunto se você poderia aprofundá-la uma vez que é um ponto que me toca particularmente. Em várias situações eu me deparei pessoalmente com a doença, com a dor e a possibilidade concreta da morte iminente, mas também em circunstâncias muito menos dramáticas enfrentei situações de mal e de escuridão nas quais a ressurreição e a contemporaneidade de Cristo soavam como palavras vazias. Nesses momentos vivi a mesma raiva profunda daquele rapaz. Gritar esta raiva a alguém no Movimento e na Igreja é exprimir uma pergunta que inevitavelmente se direciona para os únicos âmbitos onde podemos esperar uma resposta. É preciso coragem para gritar essa ausência (“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”), porque sai dos esquemas de CL em que é melhor dizer apenas aquilo que não cria problemas e é coerente com o discurso. Quando alguém vive na escuridão e não percebe uma presença, não basta se esforçar para vê-la nem tentar justificar o mal buscando colocar forçosamente os aspectos positivos como, por exemplo, que “na paciência o desígnio bom se revelará”, “a resposta virá de uma maneira que você não espera” ou “talvez isso possa lhe ajudar em...”. Peço que você ajude não só a mim, mas a tantos outros, a entender como enfrentar a realidade desta “ausência”. Não basta dizer que existem outras situações em que podemos ver a Presença, porque isso apenas reforça a dramaticidade de um “aqui e agora” em que não conseguimos vê-la. Não basta nem a consciência, sempre muito sagaz nestes casos, de que sem a Ressurreição nada teria sentido. A falta de sentido muitas vezes parece uma possibilidade e a fé usada como anestésico e suporte psicológico contra a incapacidade de tolerar o mal, torna-se frágil e inconsistente. Não basta nem mesmo o convite à oração, certamente essencial mesmo quando expressa por um grito desesperado, porque quando gritamos no escuro, cedo ou tarde o grito morre”. Esta é uma das muitas cartas que chegaram.

Leio outra: “Aquele rapaz que vive o drama da avó somos nós. Ele expressou um grito que é o grito de todos nós. Sim, sim, a companhia, o Movimento, a Igreja, os santos, o próprio Cristo. Mas, aqui se sofre, aqui existe o mal, aqui se morre. Então, para que serve a fé? A dureza dessa pergunta é exatamente o único ponto que devemos ter presente para que se torne possível resolver a famosa distância entre saber e crer. Nós, de fato, sabemos pela graça da fé, isto é, reconhecemos como verdadeiro – verdadeiro como é verdade que neste momento estou diante do computador escrevendo, como é verdade que hoje o céu está nublado – que Cristo, o Filho onipotente criador do céu e da terra morreu na cruz para que eu, e comigo todas as pessoas que amo, com todo o mundo, pudesse me salvar, quer dizer, me manter, isto é, me conservar, não me perder, durar para sempre, não terminar primeiro em uma mesquinha escuridão de dor e, depois, em um pútrido nada. É exatamente aí, onde esse grito acontece, que Cristo abre uma possibilidade inesperada, abre uma esperança impensada, tão exagerada, tão correspondente ao nosso coração que normalmente nós mesmos relutamos em acreditar que seja verdadeira. Se o ponto de conexão não acontece no nível daquele grito e daquela resposta, não há Movimento que resista, não há crença que resista, não há

Carrón, Rose, padre Aldo, Cleuza, etc, que resista. Não há Cristo. Como filho, porém, quero repreendê-lo, pai, ou talvez apenas chamar um pouco sua atenção, por compaixão pelo meu irmão. Aquele rapaz veio gritar a nós a sua incapacidade de ver. Seu fechamento insistente é cheio de uma dúvida boa, como o senhor justamente tentou insinuar, e nem pode ser diferente. De fato, se ele mesmo não duvidasse de que suas afirmações negativas não fossem completamente verdade, que motivo teria para dizê-las naquele momento? Por isso, o encerramento apressado diante dele depois da “demonstração” da não razoabilidade de sua postura, me feriu. Aquele rapaz somos nós, caprichosos e incapazes de ver, mas lá no fundo desejosos de que alguém force a nossa teimosia e nos abrace ajudando-nos a entender que nossa posição é uma grande ilusão e a promessa da realidade será inesperada e imerecidamente mantida. Eu peço, procure por ele, vá atrás dele, não o deixe ir embora com seu trágico desapontamento. Resgatando-o, o senhor abraça novamente cada um de nós”.

Comecemos com isso.

**Colocação:** *Sobre a fala desse rapaz e a conversa que tiveram, eu percebi, enquanto vocês discutiam, que o que me liberta não é um abraço genérico, mas um juízo como aquele que você deu quando ele disse: “Onde está Cristo ressuscitado?”, e você respondeu: “Você deve inverter a pergunta: como você pode olhar para sua avó se não existe Cristo ressuscitado?”. Ou: “Você pode colocar a mão no fogo na afirmação de que não existe outra coisa além daquilo que você vê?”, ou quando ele falava sobre a pessoa querida que está para morrer: “Mas, exatamente porque está para morrer é bom que você olhe, alargue a razão, para ver se isto que você está vendo é tudo”. Quando eu ouvi essas respostas fiz uma experiência de libertação porque, sobretudo em certos momentos, eu não preciso de palavras boas, preciso de palavras verdadeiras, preciso ouvir algo tão verdadeiro que me coloque contra a parede, porque somente assim eu posso recomeçar e mudar. Outra coisa que gostaria de dizer é que, enquanto eu ouvia a discussão de vocês, lembrei-me de um episódio do Evangelho que tinha ouvido alguns dias antes, onde os sacerdotes, para desafiar Jesus, lhe dizem: “Com que autoridade fazes estas coisas?”. E Jesus, com uma inteligência sem comparação lhes faz uma pergunta e, com uma pergunta, os coloca contra a parede deixando evidente a posição deles. Naquele momento eu disse: “Que maneira de usar a razão!”. E eu reconheci esse uso da razão na conversa de vocês, quer dizer, naquela discussão aconteceu a experiência da contemporaneidade de Cristo.*

**Carrón:** O que liberta é um juízo, mas o que é um juízo? Estou de acordo com aquilo que ouvimos. Diante de uma situação como aquela do nosso amigo que esteve aqui da última vez, ou quando nós nos bloqueamos como ele – porque nós também podemos enganar a nós mesmos –, é verdade que também podem não bastar outras situações nas quais vemos a Presença – embora, depois, quero dizer uma coisa sobre isso. Não basta nem mesmo a consciência de que sem a Ressurreição nada teria sentido, porque isso não demonstra a ressurreição. É verdade que não basta o convite à oração, porque uma pessoa pode rezar como se Cristo não tivesse ressuscitado. A questão é, amigos – e voltamos ao início do livro *É possível viver assim?*, que fala sobre a fé – se o ponto de partida da fé é um fato e a fé é um percurso de conhecimento (embora o fato de eu ter feito uma experiência verdadeira da Sua presença, na verdade não faz com que eu esteja diante de uma situação como se não tivesse visto nada...). Faço este exemplo: se João e André, depois de tê-Lo visto ressuscitado, precisassem enfrentar a situação do nosso amigo com a sua avó morrendo, a enfrentariam de uma maneira diferente em relação aos outros ou não? Teria sido impossível para eles olhar a avó naquela situação sem ter nos olhos o fato de terem visto seu Amigo, que eles mesmos tinham colocado na tumba, ressuscitado! Sim ou não? Todos devem olhar para isso. Mais do que a dificuldade que experimento agora, a dor pela qual estou passando, o sofrimento que padeço, a questão é que, se estou querendo verdadeiramente o bem daquela pessoa, eu posso olhá-la com essa presença de Cristo ressuscitado nos olhos! E eu entendo isso muito bem, não estou dizendo isso agora apenas para responder à questão: eu mesmo precisei fazer este trabalho diante do caixão do meu pai. Não

fui poupado. Eu também poderia ter ficado bloqueado com esta separação, porque quem está preparado para a morte do pai? Se naquele momento eu não tivesse feito este trabalho ao qual fui introduzido pelo Movimento... A morte é a última palavra sobre a vida de meu pai ou eu vi algo que nem mesmo este momento consegue eliminar? Lembrei-me do exemplo de João e André e dos discípulos porque o juízo é um fato, é o reconhecimento de um fato. Por isso, é verdade que não bastam apenas algumas coisas: é preciso a fé, é preciso o reconhecimento de um fato. E um fato não são pensamentos, ou consolações, ou sentimentos, ou estados de ânimo (por piores que sejam): um fato é um fato e ninguém pode eliminá-lo. Eu posso não querer olhar para ele, mas que eu não o queira olhar não significa que para mim Cristo não ressuscitou e que não há esperança para a avó. Muitas vezes nós nos acomodamos e vivemos as circunstâncias de uma maneira velha, porque o arquivo não foi atualizado, porque no fundo nós continuamos a olhar para a realidade como se Cristo ressuscitado não fosse um fato, não fosse um dado da realidade. Olho para toda a realidade assim como é e vejo muitos fatos que documentam a Sua presença, no entanto continuo como se aquilo fosse igual a nada. Mas não é igual a nada! O fato é um fato! E acrescento: o juízo é o “reconhecimento” de um fato. No reconhecimento do fato a liberdade entra em jogo, como vimos. E isso é algo que ninguém pode fazer por nós. Podemos nos acompanhar, mas ninguém pode nos substituir. Por isso, Jesus disse à irmã de Lázaro: “Se credes, teu irmão ressuscitará”. Se você crê, quer dizer, se você reconhece isso. Então, quando dizemos que nós queremos uma companhia que nos ajude a entender que a nossa posição é um grande sonho e que a promessa da realidade será cumprida, podemos dizer como um voluntarismo. Como se dizer isso e ficar repetindo fizesse com que cada vez mais conseguíssemos mantê-la. Não! O que permite que uma promessa seja mantida é que há um fato que documenta isso: Cristo ressuscitou. Não é que a promessa será mantida porque eu, ou qualquer outra pessoa, afirmo isso com mais força ou mais intensidade ou com mais calor. Depende da verdade com a qual aconteceu o fato e com a qual eu o reconheço. Nesse sentido, ouçam o que outra pessoa me escreveu: “Agradeço pela sua resposta àquele rapaz triste. Já me aconteceu muitas vezes estar diante de situações como essas e o que eu normalmente dizia era que não podemos explicar o Mistério (porém, tinha certeza de que tudo tinha um sentido). Mas, durante a discussão, você deu razões mais adequadas [por sermos cristãos, não afirmamos o Mistério como se ainda estivéssemos “no nível do senso religioso”, nós temos os fatos: a fé cristã, amigos, parte de fatos e por isso podemos dar razões dos fatos, não um genérico “spérem”. Devemos refazer todo o percurso de *É possível viver assim?*, desde o início: a fé parte de um fato que gera uma esperança, e esta esperança é cheia de razões por causa do fato acontecido]. Você deu razões mais adequadas e sobretudo o levou a olhar aquilo que existe e que, portanto, não é possível negar: fatos e não promessas de bem. Isso é decisivo e muda tudo. Inclusive o exemplo de colocar a mão no fogo para afirmar que não existe aquilo que uma pessoa não vê, deixa realmente sem argumentos. É tão razoável que somos criaturas e não Criadores. Lembrei de um trecho da Escola de Comunidade onde a Bíblia é citada: “Onde tu estavas quando eu fiz o céu?”. Aqui está Cristo ressuscitado: convidei para o Dia de Início de Ano uma amiga minha que há mais de dez anos não consegue ficar mais do que dez minutos em pé ou sentada em uma cadeira por causa de um problema de coluna que até hoje ninguém conseguiu explicar. Ela foi com uma permissão e escutava tudo deitada em um colchonete. De vez em quando, sentava-se para fazer anotações, mas logo parava e se deitava outra vez. No final da palestra, me disse: “Entendi o porquê desses dez anos de dor. Eu jamais estaria aqui se não fosse isso”. Falava sobre a sua doença como uma graça recebida e eu a olhava com comoção porque, quem pode falar assim de uma doença tão limitante? Ou a pessoa é maluca ou existe algo que faz com que realmente seja possível respirar na dificuldade. Alguns dias depois liguei para ela e ela me disse que a dor não tinha sido tirada, nem o desconforto [a fé não é um analgésico!], mas que agora tudo tem um sentido, porque ela tem certeza de que está fazendo um caminho. Algumas pessoas me disseram que não tinham entendido o Dia de Início de Ano: porque estavam supondo que existisse um caminho. Ela teve certeza de que estamos em um caminho.

Também tem certeza de que está apenas no início deste caminho mas que Jesus está ao seu lado e isso a deixa feliz”.

E, aqui, não posso deixar de citar o evento imponente que foi a morte de nossa amiga Marta, que era de Rímini e foi estudante da Universidade Católica de Milão. Alguns talvez já tenham lido a conversa que teve com seu pai. Leio alguns trechos porque vem de uma moça de 27 anos à beira da morte que testemunha o que a permite estar diante da própria dor (não a dos outros...).

“Marta, quem é Jesus para você?”, lhe pergunta o pai. “Aqui está Ele, pare com raciocínios, pare de raciocinar. Jesus é “Eu sou Tu que me fazes”. A coisa mais evidente é que somos objeto de um amor infinito, um Outro desejou você, e lhe ama. Olhe, olhe aquilo que você tem!”. Ela disse para ele não raciocinar, mas o que ela está fazendo? Está usando a razão de maneira grandiosa: a coisa mais evidente é que somos objeto de um amor infinito. E o que faz essa moça às margens da morte? Convida a olhar: olhemos para aquilo que temos! E continua: “Olhe toda a realidade, não é preciso muito raciocínio, olhe, é como quando você faz a piadina [massa típica de Rímini], fica com massa nas mãos. Para sermos felizes precisamos amá-Lo mais do que tudo, acima de qualquer coisa e isso nos faz amar tudo mais intensamente. Eu amo tudo, tudo da minha vida, desde que nasci até agora. A vida é alegria e dor e é assim porque Jesus a fez assim, é por isso que digo sim à minha doença. Uma pessoa toma banho, veste-se bem, escolhe coisas bonitas, cuida de si porque um Outro cuida dela. Isso acontece por graça, precisamos pedir todos os dias e pedir que nos dê paz. Só encontraremos a felicidade no Paraíso. Aqui, podemos pedir que nos faça viver com paz”. “Onde você aprendeu todas essas coisas? Com os amigos?”. “O amigo é como a objetiva de uma máquina fotográfica, focaliza, coloca em foco, quer dizer, nos ajuda a perceber onde está a verdade, mas o relacionamento é seu e ponto, seu com Ele, ponto, ninguém mais, não você-o-amigo-e-Elle, é seu e ponto, é você que pergunta, é você que pede, é você que grita, é você que lhe pede: me ame!”. “E Ele responde”. “Responde através da realidade”. “Por exemplo, neste caso, através de todas as pessoas que estão perto de mim”. “Olha que coisa. E não é só isso: está me mudando, está me mudando e enquanto isso eu espero a cura”. “Todos a esperamos. Rezamos, lutamos, perguntamos, pedimos. Antes você disse: ‘Eu me mantenho porque há um Outro que me mantém’? Você disse isso?” “Sim”. “Como você aprendeu todas essas coisas?”. “Vivendo, vivendo em companhia de amigos grandes”. “E olhando?”. “Sim, vivendo tudo plenamente. Mas, como é possível viver tudo plenamente? É preciso um método e um caminho, e o caminho e o método eu aprendi na universidade. Eu encontrei Jesus na universidade”. “É bonito aquilo que você me diz, precisamos conversar mais sobre essas coisas”. “Não! É aqui que eu digo, não é uma questão de conversar”. “Mas quando você fala da sua experiência me ajuda, é um fato aquilo que você me conta”. “Porém, o problema não é estar na mesa conversando, o problema é que você, amanhã de manhã, se levante, vá diante do espelho e diga: ‘Eu, Giorgio, sou Tu que me fazes’, e durante o dia peça que Ele se mostre a você. O problema não é que eu e você conversemos, entende? O problema não é esse”. E termina a conversa assim: “Não é um problema de conversar: é o seu relacionamento pessoal com Jesus. Nisso, ninguém pode substituir você”. É uma moça de 27 anos, conversando com seu pai!

E acrescento, a seguir, o que padre Aldo, do Paraguai, me escreveu: “Quero lhe agradecer pela Escola de Comunidade. Fiquei muito tocado com a conversa com o último rapaz que se colocou porque percebo que esta postura também pode ser muitas vezes a minha, que vivo rodeado por um mar de dor e que normalmente escuto reações como a deste rapaz, daqueles que estão morrendo ou dos pais. Mas a postura com a qual você desafiou o rapaz e me desafia, provocando-me a não tirar o olhar de Cristo ressuscitado e convidando-me à conversão de modo que qualquer circunstância e qualquer dor se tornem instrumento de graça, me mudou. A cada dia entendo mais que também diante da dor é possível estar com a Sua presença. É preciso um trabalho pessoal, de modo que nem a morte nem a vida possam nos separar do amor de Cristo. Rezo por este rapaz, por mim, para que a comoção (‘Quem és Tu, ó Cristo, que me amou com um amor eterno tendo piedade do meu nada?’) transforme aquele ‘não’ em um ‘sim’. Agradeço a você também por sua aparente dureza que, na verdade, é a suprema forma de ternura quando é o amor ao destino do outro o que define nossos

relacionamentos”. Fico contente que esta questão tenha vindo à tona, porque nos faz entender verdadeiramente, quando nos deparamos com o drama da vida, o que realmente nos faz companhia até na escuridão. E isso abre toda a questão daquilo que dissemos em *Viver é a memória de Mim*: o que é a verdadeira companhia? E o que é a memória?

**Colocação:** *Quero contar a experiência de uma mudança que aconteceu numa manhã por causa uma novidade imprevista. No dia anterior, sentia-me perdido. Como não me acontecia há muito tempo, o dia tinha começado com uma sensação de estranhamento com as coisas e as pessoas, um cansaço pelo limite com o qual me deparei continuamente durante o dia: funcionários distraídos e imprecisos, o cliente grosseiro, meu cansaço porque meu filho não tinha dormido à noite, o amigo que me parecia não corresponder à expectativa que eu tinha, a dificuldade de diálogo com minha mulher à noite. Todo aquele dia me pareceu contra mim. À noite, foi inevitável pensar na canção com a qual começamos o Dia de Início de Ano e na minha postura diante do que você nos disse naquela circunstância, que me pareceu algo muito distante de mim, algo que não me dizia respeito. Por isso, percebi que neste tempo não senti urgente para mim o seu chamado de atenção sobre a conversão, como se realmente não me dissesse respeito. Na manhã seguinte acordei com uma sensação de insatisfação e de preocupação pelo medo de viver outro dia pesado e difícil como o anterior. De maneira mais ou menos consciente pedi a Jesus que se mostrasse, que me ajudasse, naquele dia, a vencer aquele estranhamento com a vida que me assustava porque não me correspondia, mas não sabia como sair daquilo. Enquanto tomava café da manhã, dei uma olhada no último número da revista Tracce, que ainda não tinha visto. Fiquei curioso com o título do editorial e comecei a lê-lo. Logo fiquei impressionado quando, falando sobre o relativismo, dizia que ele tem uma influência concreta na nossa vida cotidiana. Dizia: “Se tudo é igual, a consequência não é que tudo tem o mesmo valor: é que nada vale a pena. Tudo se consome rápido. E na vida – na nossa vida cotidiana: o trabalho, os relacionamentos, a família... – gera desilusão. Tédio. Muitas vezes, raiva”. Senti-me dramaticamente descrito, diferente de não precisar de conversão! Continuando a leitura, fui investido como por uma novidade imprevista com a sugestão da leitura do texto do Dia de Início de Ano, que na verdade eu já tinha lido, mas sem esta urgência: “Ali, torna-se claro qual é o único antídoto para essa doença que corroí internamente a existência: a memória. O recontar de Cristo na nossa vida, agora”. O torpor com o qual comecei o dia desapareceu quase imediatamente deixando lugar para uma sensação de esperança e de libertação. Senti como se a pessoa que escreveu o editorial fosse um amigo muito íntimo porque descreveu tão bem a espera do meu coração, remetendo-me repentinamente ao lugar onde Cristo começou a luta pela minha conversão (que é a companhia do Movimento, mas, antes de mais nada, o seu testemunho, o seu chamado de atenção constante para a contemporaneidade de Cristo, sua indicação de fatos, acontecimentos e pessoas que nos tornam familiar a presença d’Aquele que meu coração tanto deseja). E o dia tornou-se, inesperadamente, uma promessa de bem. No trabalho, as mesmas pessoas de sempre com os mesmos limites, naquele dia, ao invés de um obstáculo tornaram-se um desafio, uma ocasião para me lançar por inteiro. Os mesmos amigos voltaram a ser sinal da ternura do Mistério por mim, minha mulher sinal da fidelidade de Deus na minha vida. Até mesmo o filho que não nos deixa dormir à noite, de motivo de reclamação tornou-se uma oportunidade de me levantar mais cedo, às seis da manhã, para ler com gosto o texto do Dia de Início de Ano. Fiz a experiência de que você tem mesmo razão quando diz que não devemos nos enganar: é preciso um longo caminho de conversão para vencer em nós o influxo do relativismo que torna difícil a capacidade de conhecer a verdade que nos dá mais vida e mais amor.*

**Carrón:** Obrigado.

**Colocação:** *Há cerca de dois anos, estou vivendo uma situação no trabalho bastante difícil. Sou médico, e por motivos que não têm nada a ver com a minha profissão o meu departamento inteiro foi objeto de uma verdadeira e própria humilhação. E isto se intensificou nos últimos meses*

*criando um desconforto entre os meus colegas e favorecendo um clima no qual cada um pensa por si. Provavelmente, esta é uma situação familiar para muitos mas, por sorte, não para mim porque, pelo contrário, o grupo no qual trabalho se alicerçou (sobretudo pela minha colaboração) no decorrer dos anos cuidando particularmente do bem comum de todos. Essa situação causou em mim, nestes meses, um grande sofrimento pelo mal gratuito que eu via e pela impossibilidade de mudar esta circunstância tão árida e triste que gerava em mim medo de manipular a realidade por uma hipótese de bem presente. Entendi que os discursos característicos de CL, todos justos, que eu ouvia e eu mesmo fazia – poderia citar milhares – não me bastavam. Depois, refletindo, perguntei-me por que outras situações também muito dolorosas que vivi nestes anos, em particular algumas mortes graves na família, entre elas a de meu pai, não tinham me causado o mesmo desconforto. A resposta que dei a mim mesmo foi que nestes casos eu não tinha carregado sozinho a dor e a tristeza, mas tinha sido sustentado fisicamente por meus amigos, que me acompanharam de perto ajudando-me até nos detalhes mais banais. Não que eu tenha sido poupado da dor, mas o bem, ali, estava presente, eu o via. Porém, desta vez eu estava praticamente sozinho. Digo praticamente, porque na verdade, pelo menos três pessoas me ajudaram como puderam, e me apoiaram. Conversei sobre estas reflexões com uma destas pessoas, que é viúva e tem um filho com problemas. E ela me contou como ela também, quando seu marido morreu, tinha sido fisicamente amparada por uma grande quantidade de pessoas que realmente a tinham ajudado. Porém, depois, com o passar dos meses, quando se levantava de manhã ou quando estava cansada no final da tarde, o rosto daquele filho com problemas representava continuamente um rancor, como um ponto inevitável. E isso – me contava – quase a obrigou a compreender que esta situação, em que o problema e a angústia são apenas seus, é também o ponto de amadurecimento em que você, e realmente só você, é chamado a acertar as contas até o fundo com o Mistério que pede para que você O reconheça e O invoque insistentemente. Devo admitir que imediatamente senti um golpe. Não tinha sequer cogitado a hipótese de que exatamente esta aridez que enchia meu coração de angústia pudesse ser uma ocasião para a minha vida. Assim, nos dias seguintes comecei a viver todas as circunstâncias, exatamente as mesmas de antes, partindo desta posição, pedindo a Jesus que eu fosse capaz de reconhecê-Lo. O efeito imediato foi o desaparecimento do medo, porque este aspecto, para mim tão repulsivo, também adquiria um valor para a minha vida. E o desaparecimento do medo determinou conseqüentemente uma mudança de olhar sobre a realidade, que voltava a ser amiga. Isso me desbloqueou e eu voltei a tratar a realidade como possibilidade de bem e a tentar manipulá-la mesmo dentro do pequeno espaço de ação que a situação me permitia. Agora, o que peço para a minha vida é não abandonar esta posição de mendicância diante do Mistério. Não peço, certamente, para continuar nessa circunstância tão hostil, ao contrário, que Deus me livre. Mas, que continue desperta em mim a mesma urgência de buscá-Lo que essa circunstância determinou.*

**Carrón:** Vamos tentar não perder o centro da questão. Notem que ele não contou um fato impressionante... O que determinou essa mudança?

**Colocação:** *O fato de poder olhar a circunstância como amiga.*

**Carrón:** É isso. Entendem? É isso! Que alguém me abra à possibilidade de olhar a realidade não segundo a minha medida, e este pode ser um ponto de amadurecimento para você. É uma hipótese que a pessoa admite quando está oprimida porque ela está mais necessitada e, portanto, menos presunçosa. Isso introduz uma abertura da razão de modo tal que eu posso começar a perceber a realidade, mesmo aquela em que estou paralisado, como uma ocasião para a minha vida. Olhem que não são necessárias coisas absolutamente excepcionais, como muitas vezes esperamos que aconteça não sei o quê: basta simplesmente sermos leais a este uso verdadeiro da razão como categoria da possibilidade que introduz um Outro, e isso tem um efeito imediato: o medo desaparece, a realidade torna-se amiga e tudo começa a ganhar um novo rosto. É preciso simplesmente estar abertos, mesmo que minimamente, a isto. E fico maravilhado, porque a cada encontro vocês me dão mais testemunhos. Leio para vocês outra carta: “Fiquei impressionada com a maneira como você

respondeu àquele rapaz na Escola de Comunidade. Você desafiou sua razão perguntando-lhe se admitia algo diferente daquilo que lhe passava pela cabeça. Percebi que esta é exatamente a minha postura, porque diante de cada circunstância, o ponto de partida que uso para julgar é sempre uma medida minha. Digo isso porque, em relação ao tema da conversão sobre o qual está nos fazendo trabalhar, não é que falte o desejo d'Ele [todos o temos: tenho certeza de que estão aqui porque o têm!], mas ultimamente, no meu pensamento, não prevalece a Sua presença, não prevalece como possibilidade sobre a minha medida. Olhar toda a realidade com a certeza instantânea de que por causa da presença de Cristo ela é para mim, me parece quase impossível [e podemos dizer isso depois de anos de Movimento, depois de milhares de testemunhos]. E é tão verdadeiro que, como você disse, aquilo que vejo acontecer com outros também me toca, mas depois torna-se impossível para mim [vejamos que em muitos outros as medidas desapareceram, mas isto, é como se ultimamente fosse impossível por si]. A coisa torna-se ainda mais pesada quando pensamos naquilo de bonito que aconteceu na própria vida, onde é evidente, pelo menos para mim, que é um Outro que age apesar de mim". A conversão não é, como muitas vezes a concebemos, apenas parar de fazer alguma coisa ruim para fazer coisas boas – porque a isto quase podemos ser disponíveis (quase!) –. Mas para mudar a medida é preciso quase um cataclismo! Quando Jesus usa a palavra conversão está se referindo a isto: mudar a maneira de perceber a realidade, o *nous*, isto é, a maneira de usar a razão. Não que Giussani fosse um sonhador quando nos fazia trabalhar sobre essas coisas e, desde o início no Liceu Berchet, sabia muito bem qual é a batalha, porque nós estamos presos nesta medida. Mas, quando deixamos entrar uma outra possibilidade, então começamos a ver como a realidade é realmente.

**Colocação:** *Gostaria falar sobre o que aconteceu a partir do trabalho da Escola de Comunidade. Primeiro, houve uma mudança de postura diante da realidade, no sentido de que desde que abro os olhos de manhã é como se não pudesse mais prescindir do dado que a realidade é, no sentido literal da palavra, como algo que é dado: o fato de acordar, ter um marido, filhos, uma casa, trabalho, pais, a fé. Apesar disso, quando você começou a levar a sério para você e, depois, começou a nos desafiar sobre o ponto da conversão, eu me tornei rígida e receosa. E, obviamente, isso me causou dor e me perturbou.*

**Carrón:** Por quê? Por que você se enrijeceu?

**Colocação:** *Não sei.*

**Carrón:** Quando digo que nós, diante da palavra conversão, nos defendemos, estou dizendo isso. Não sabemos por que, mas assim que a ouvimos, nos tornamos rígidos e receosos. É isso que quero dizer.

**Colocação:** *Embora sinta aquele aspecto da graça em mim.*

**Carrón:** Eu lhe agradeço, porque é o que eu experimento também.

**Colocação:** *Senti-me perturbada apesar de você, depois, no texto, ter sido compreensivo: não se preocupem, no fundo “resistimos a algo presente”. Não conseguia entender como eu poderia resistir àquilo que acreditava ser o meu maior desejo. Então, fiz uma coisa que é a única coisa que me acompanha durante os dias. E esta foi a maior surpresa, no sentido de que entendo que eu não teria me dado conta nem da contemporaneidade nem da conversão se não fosse a inclusão de um terceiro fator que é o método que você nos propôs. Também porque me dei conta que mais do que reconhecê-Lo presente, eu preciso continuamente reencontrá-Lo todos os dias em tudo o que me foi dado, preciso ver naquele homem com quem me casei há vinte e dois anos e que conheço, a ponto de poder antevê-lo como um ponto de novidade última, preciso ver no trabalho que faço (que é o máximo do comum) um ponto de possibilidade para a minha mudança, mas não apenas a minha, do mundo, da história. E, então, neste ponto, eu entendo aquilo que dizia aquele e-mail que você leu antes, que não bastam a Rose, o padre Aldo, etc. No entanto, eu sempre me lembro deles. Quando penso que preciso perdoar ou ser perdoada me lembro do Papa. Quando olho para meus filhos, lembro-me da Rose. Quando entro no escritório me lembro de Marta Cartabia e naquilo que*

*ela disse. Também o relacionamento contínuo com aquilo que você nos diz, porque senão, viver a minha humanidade assim como é, inclusive com aquele ponto de solidão profunda que carrego e que nada e ninguém parece preencher, e viver tudo isso como um recurso, não é possível.*

**Carrón:** O que torna isso possível? Esta é a conversão da qual você pode não se defender.

**Colocação:** *Que Alguém se inclinou e me amou com um amor infinito.*

**Carrón:** A questão é esta. Diante de alguém que lhe diz: “Você me ama?”, você se enrijece? Não. Digo isso porque a pessoa se enrijece diante de certas coisas que deve deixar ou que deve eliminar, não diante de um abraço. É verdade ou não? Porque nós, um instante depois de ter dito a palavra conversão, a reduzimos ao moralismo de sempre (quer dizer, que devo mudar alguma coisa). A primeira mudança à qual Dom Giussani está sempre nos convidando é que a primeira atividade é quase uma passividade, que é acolher o abraço de um outro! Zaqueu se converteu?

**Colocação:** *Sim.*

**Carrón:** Ele resistiu?

**Colocação:** *Não.*

**Carrón:** Ele se enrijeceu?

**Colocação:** *Não.*

**Carrón:** Por que não? Porque ele aceitou. Antes de tudo, não achava que devia mudar nada, aceitou aquele imprevisto de Alguém que abraçava toda a sua humanidade. A questão é que nós eliminamos isto. E, depois, imaginamos a conversão como se fosse algo nosso. Não. É sob a pressão desta comoção que Zaqueu mudou. Mas nós eliminamos: há o discurso sentimental e, depois, a conversão moralista. Separamos duas coisas que só podem acontecer unidas! Tanto é verdade que, se elas se separam, não existem, e a pessoa se bloqueia. Por que? Essa é a questão: porque nós já reduzimos Cristo não ao dom da Sua presença, mas às posturas que precisamos mudar. Quando Zaqueu acolheu aquele olhar que nunca tinha visto, ficou tão perturbado com a Sua ternura que, depois, sem esforço, mudou. Eu me explico? Se nós não aceitamos isso, se quando você se enrijece não o deixa entrar – não é que você deve mudar a rigidez, não é que deve primeiro se preparar, se pudéssemos estar bem sem Cristo, então o que estamos fazendo aqui? –, então a conversão se torna uma ânsia. E, no fundo, Cristo torna-se apenas uma palavra, um ornamento. De fato, como a figura de Cristo é concebida no imaginário coletivo moderno (e nós também estamos dentro disso, e como)? Ele veio, foi embora, nos deixou aqui sozinhos com algumas regras para seguir, depois voltará para nos julgar em um *summit* final. Quando me enrijeço e não recomeço do bem que experimentei, não consigo sair dessa rigidez, não consigo sair dessa prisão. É preciso constantemente desafiar essa rigidez com a Sua presença. E isso é um trabalho.

Termino lendo mais um e-mail que explica bem aquilo que nos faz realmente entrar na realidade com uma modalidade diferente: “Quero contar como o trabalho da Escola de Comunidade me ajudou e está me ajudando a olhar para as circunstâncias outra vez, mesmo as mais impensáveis. Há cerca de um ano consegui, por pura graça, uma transferência por motivos familiares. No primeiro dia de trabalho me apresentei ao diretor da filial (trabalho em um banco), que me disse sem meios termos que se tivesse podido escolher, nunca teria escolhido a mim para aquele trabalho, mas alguém que já tivesse experiência naquela função. Para mim, não foi um período fácil, mas rico de graça. Todos os dias entrava no escritório com o pedido de que Ele se mostrasse, que não me fizesse sentir sozinha em um ambiente tão hostil, que pudesse conhecê-Lo mais. Depois de cerca de um mês, o diretor veio à minha sala e disse: ‘Olha, esqueça aquilo que eu falei no primeiro dia. Se agora, me pedissem para escolher entre você e alguém que trabalha nisso há uma vida, escolheria você porque além de ter aprendido a fazer este trabalho melhor do quem já o faz há muito tempo, também humanamente conheci poucas pessoas como você’. Fiquei arrepiada porque era evidente que era obra de Cristo. A conversão é exatamente aquilo que você diz: nasce em mim o desejo de mudar para não perder aquilo que tenho diante de mim, e implica exatamente um deslocamento pessoal, quer dizer, voltar-me para olhar onde Cristo me provoca na realidade, senão eu o elimino.



Isso ficou evidente também em outra coisa que me aconteceu. Há alguns meses participei de cursos de formação do banco onde trabalho e de uma discussão com os colegas emergiu um grande descontentamento: alguns reclamavam do diretor pouco compreensivo, outros dos colegas pouco prestativos. Eu tive um contragolpe porque naquele momento eu disse: “Para mim, o trabalho não é isso”. Alguns meses depois, conversando com uma colega ela me falou um pouco sobre como está vivendo o trabalho. Num determinado momento me disse: “Mas tudo bem, você já conseguiu o que queria”. Essas foram duas ocasiões evidentemente privilegiadas com as quais o Mistério me provocou. A conversão, para mim, coincidiu com levar a sério esses dois episódios que abriram um turbilhão de perguntas sobre o significado de mim [o Senhor nos chama deste modo: se nós não entrevemos nem uma possibilidade de ganho para nós, então não nos movemos e reduzimos o coração a sentimento]. Nasceu em mim o desejo de aprofundar para mim a possibilidade que o trabalho é, e estender esta proposta também aos colegas e amigos. Falando com algumas pessoas sobre este desejo sugeri convidar para um encontro público um caro amigo, que é testemunha viva de uma humanidade que foi mudada pelo encontro com Cristo. Assim, convidei meus colegas e o diretor da minha filial para este evento. Só o meu diretor foi e, no final do encontro, ela não sabia como me agradecer pelo convite, pois tinha ficado radiante com o que tinha ouvido. E me disse: ‘Eu também quero fazer parte desta história. Se eu soubesse, teria trazido minhas filhas e minha mulher’ [é esta a modalidade com a qual Cristo se faz reconhecer: enfrentando a realidade como todos mas com esta novidade nos olhos, e basta Ele encontrar uma pequena fresta em nosso coração, nos liga a si]. Agradeço de verdade pela paixão com a qual você nos acompanha neste percurso, nunca nos deixe livres. Seguramente, se estes fatos acontecessem há alguns anos [atenção!] eles teriam apenas me tocado, eu teria falado sobre eles na Escola de Comunidade sem chegar a dizer: Quem és Tu, ó meu Cristo, que faz acontecer essas coisas atraindo-me assim cada vez mais para Ti e fazendo-me pedir-Te cada vez mais?”. Esta é a conversão: nasce o desejo em alguém a partir do maravilhamento: quem és Tu, ó Cristo? Essa é a promessa que a proposta de Dom Giussani carrega. Não é preciso esperar não sei que aparição. É preciso simplesmente aceitar esta hipótese para entrar na realidade através de cada circunstância na qual a vida nos desafia. Senão, ouvir estas coisas e não vê-las na própria experiência não é suficiente, sabemos bem disso. Por isso, sem que cada um de nós aceite este desafio e esta verificação, essa evidência e essa certeza não crescerão. Mas, quando aceitamos, vejam o que acontece...

#### **AVISO:**

Para a próxima Escola de Comunidade continuaremos o trabalho sobre a palestra de La Thuile porque hoje nós nem a folheamos: o que mudou em nós ao ler a palestra? Como concebemos a comunhão e a companhia e o que quer dizer memória? O que nos faz companhia até na doença ou na morte, o quê? Sem isto, nós não podemos realmente entender até o fundo o que a palestra propõe.

- *Glória*